

**O documentário como instrumento da Educomunicação:
“Levante!” e o protagonismo proporcionado pelas novas tecnologias**

*The Documentary as an instrument of Educommunication:
"Levante!" and the protagonism provided by new technologies*

Wellington Donizete GONZAGA¹
Tiago Nunes SEVERINO²

Resumo

O documentário é um produto audiovisual que pode ser utilizado pelo professor em sala de aula no trabalho de educação para a mídia. Com narrativa e linguagem específicos, os documentários são capazes de representar a realidade, auxiliar na compreensão da história e ainda ampliar pontos de vista sobre assuntos relevantes e atuais. O desenvolvimento da leitura crítica do conteúdo audiovisual, então, pode estar em sintonia com os propósitos da Educomunicação. Os conceitos de Alfabetização Midiática – Media Literacy – podem ser visualizados no filme “Levante!” (2015). Esse documentário mostra na prática o potencial, os impactos e as transformações das novas tecnologias da comunicação ao redor do mundo.

Palavras-chave: Documentário. Educomunicação. Media Literacy. Novas tecnologias.

Abstract

The documentary is an audiovisual product that can be used by teacher in the classroom in media education work. With specific narrative and language, documentaries are capable of representing reality, assisting in the understanding of history, and broadening points of view on relevant and current issues. The development of critical reading of audiovisual content, then, may be in tune with the purposes of Educommunication. The concepts of Media Literacy can be seen in the film "Levante!" (2015). This documentary shows in practice the potential, impacts and transformations of new communication technologies around the world.

Keywords: Documentary. Educommunication. Media Literacy. New technologies.

¹ Especialista em Gestão de Conteúdo em Comunicação, pela Metodista de São Paulo, e em Mídia e Educação, pelo Instituto Federal do Sul de Minas. E-mail: welingtonmineiro@gmail.com

² Mestre em Imagem e Som. Professor do Instituto Federal do Sul de Minas.
E-mail: tiago.severino@ifsuldeminas.edu.br

Introdução

Um dos maiores desafios da educação na atualidade põe à prova o empenho e a criatividade dos professores: conquistar a atenção dos alunos em sala de aula. Tal fato ocorre numa época marcada pelo uso de dispositivos móveis conectados quase que em tempo integral à internet, que conseqüentemente interferem na dinâmica educacional e exigem dos professores a busca por ferramentas e estratégias que venham a despertar o interesse dos estudantes pelas aulas.

Nesse contexto em que o conteúdo ensinado concorre com infinitas possibilidades disponíveis na tela dos celulares, o professor pode recorrer ao conteúdo audiovisual em formato documentário para atrair a atenção dos alunos. Não se trata de evitar o uso de celulares, mas, sim, de potencializar o uso desses dispositivos associados à educação. O professor tem o papel de orientar os alunos para que ultrapassem o conceito de uso do aparelho apenas como fonte de entretenimento, mas, principalmente, como meio de empoderamento e de voz perante assuntos de interesse individual ou coletivo. O professor deve ser capaz de conduzir essa descoberta dos alunos para o potencial das novas tecnologias.

Mesmo diante de dificuldades como a falta de estrutura das escolas³ – principalmente em instituições públicas de ensino – e a falta de capacitação e treinamento dos professores para usarem as tecnologias em sala de aula⁴, o documentário pode ser uma opção para abordar temas importantes e atuais.

(...) os documentários dão-nos a capacidade de ver questões oportunas que necessitam de atenção. Vemos visões (filmes) do mundo. Essas visões colocam diante de nós questões sociais e atualidades, problemas recorrentes e soluções possíveis. O vínculo entre o documentário e o mundo histórico é forte e profundo. O documentário

³ No Brasil, segundo dados do Centro de Inovação da Educação Brasileira (Cieb), considerando apenas o Ensino Fundamental, a disponibilidade de tecnologias na educação é insuficiente: para 60,8% dos professores falta estrutura de internet; para 49,6% faltam computadores e tablets; para 46,6% falta capacitação; e para 33,4% falta incentivo da própria escola. Esses dados foram publicados em reportagem da Revista Galileu (edição 316, nov. 2017).

⁴ Apenas 3,4% das escolas têm todos os professores treinados para usar tecnologia em sala de aula; 13,8% das escolas têm a maioria dos professores treinados; 15,4% contam com diversos professores treinados; 36,4% têm apenas alguns professores treinados; e 30,9% das escolas têm poucos professores treinados. Resumindo: apenas 33% das escolas têm a maioria dos professores treinados para usar a tecnologia a favor da educação. Dados também publicados em reportagem da Revista Galileu (edição 316, nov. 2017).

acrescenta uma nova dimensão à memória popular e à história social. (NICHOLS, 2016, p. 27)

As instituições de ensino que possuem estrutura física e equipamentos com conexão à internet podem trabalhar documentários online com os alunos. Já as escolas que tenham algum tipo de limitação podem recorrer ao modo tradicional de exibição de documentários através de televisores ou de projetores, destacando as potencialidades desta linguagem para a compreensão do mundo.

Em primeiro lugar, os documentários oferecem-nos um retrato ou uma representação reconhecível do mundo. Pela capacidade que têm o filme e a fita de áudio de registrar situações e acontecimentos com notável fidelidade, vemos nos documentários pessoas, lugares e coisas que também poderíamos ver por nós mesmos, fora do cinema. Essa característica, por si só, muitas vezes fornece uma base para a crença: vemos o que estava lá, diante da câmera; deve ser verdade. (NICHOLS, 2016, p. 28)

Ao mesmo tempo, o documentário é uma oportunidade para o professor trabalhar o senso crítico dos alunos. “Filme, vídeo e, agora, imagens digitais podem testemunhar o que aconteceu diante da câmera com extraordinária fidelidade” (NICHOLS, 2016, p. 18), mas, claro, podem ser questionados. O objetivo deste artigo é apresentar uma alternativa ao professor para que use os documentários em sala de aula como algo viável para desenvolver o senso crítico dos estudantes. Os documentários também são compostos por imagens e por sons montados de acordo com o ponto de vista de um editor ou de um diretor. Por esses e outros aspectos, o formato documentário pode ser utilizado na educação para a mídia e para a comunicação, ou seja, para a educomunicação.

O que é Educomunicação?

O termo Educomunicação foi publicado pela primeira vez, no Brasil, em 1999, pelo Núcleo de Comunicação e Educação (NCE), da Universidade de São Paulo (USP). A origem do termo veio do neologismo, em inglês, *Educommunication*, que, antes, ainda na década de 1980, já tinha sido pautado pela UNESCO como sinônimo de *Media*

Education. O pesquisador Ismar de Oliveira Soares, professor titular da USP, foi o responsável por sistematizar o conceito de Educomunicação após a pesquisa do NCE.

(...) Passou, então, o NCE/USP a ressemantizar o termo educomunicação para designar o conjunto destas ações que produzem o efeito de articular sujeitos sociais no espaço da interface comunicação/educação. No caso, à leitura crítica da mídia e à produção midiática por jovens soma-se o conceito de gestão da comunicação nos espaços educativos. (SOARES, 2011, p. 11)

Entre os objetivos da Educomunicação estão: ampliação da capacidade de expressão dos indivíduos num ambiente educativo; melhoria das ações educativas; desenvolvimento do espírito crítico dos usuários dos meios de comunicação; a promoção do uso adequado dos recursos da informação nas práticas educativas; e a criação e o fortalecimento de ecossistemas comunicativos em espaços educativos.

A 'educação para a comunicação', expressão de tradição latino-americana que se firmou ao longo dos anos de 1980, substituindo a terminologia 'Leitura Crítica da Comunicação', tornou-se – por sua vez – uma das áreas fundantes da educomunicação. O conceito é internacionalmente identificado com termos como *Media Education*, *Media Literacy* ou *Educación en Medios*. No Brasil, há quem, modernamente, prefira utilizar a expressão 'Mídia e Educação' para esta prática, filiando-se à tradição europeia ou mesmo norte-americana. (SOARES, 2011, p. 30)

Outros termos e expressões emergem no contexto da educação para a mídia, tais como *Media Literacy* que, em inglês, significa Alfabetização Midiática, ou, de maneira mais abrangente, *Media and Information Literacy*. Conforme defendido na Proclamação de Alexandria, em 2005, em prol da Alfabetização Midiática e Informacional (AMI).

A AMI é definida como um conjunto de competências que empodera os cidadãos para acessar, recuperar, compreender, avaliar, usar, criar e compartilhar informações e conteúdos midiáticos de todos os formatos, usando várias ferramentas, com senso crítico e de forma ética e efetiva, para que participem e engajem-se em atividades pessoais, profissionais e sociais. (UNESCO, 2016, p. 29)

Para a UNESCO esse tipo de alfabetização é capaz de proporcionar aos indivíduos competências necessárias para que busquem e usufruam plenamente do direito à liberdade de opinião e de expressão conforme estabelecido na Declaração

Universal dos Direitos Humanos⁵, de 1948, e, posteriormente, reforçado pela Declaração de Grünwald, de 1982. Tais direitos e garantias relacionados à AMI são coerentes com os avanços verificados nas duas últimas décadas do século XX e, principalmente, nas duas décadas iniciais do século XXI, marcadas pelo avanço das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs)⁶.

O Documentário como um instrumento para viabilizar a Educomunicação

A definição sobre o que vem a ser documentário não é simples e única. Nichols (2005, p. 47), em sua obra introdutória sobre o assunto, enfatiza que “a definição de ‘documentário’ não é mais fácil do que a de ‘amor’ ou de ‘cultura’. Seu significado não pode ser reduzido a um verbete do dicionário”. A comparação evidencia a complexidade de tal definição que, muitas vezes, normalmente segue apenas o caminho do confronto entre o que é documentário e o que é ficção. Apesar da linha tênue existente entre ambos, o entendimento comum é o de que o documentário possui compromisso com a abordagem do mundo real, enquanto a ficção nem sempre. Além de possuir uma linguagem própria, o documentário é um gênero livre e, assim, não se limita a um formato único padronizado.

O documentário é uma modalidade que está “em busca do real” (LINS, MESQUITA, 2008, p. 05), da mesma maneira que o jornalismo.

É importante notar ainda que o interesse por imagens “reais” tampouco se limita ao campo do documentário: parece corresponder a uma atração cada vez maior pelo “real” em diversas formas de expressão artísticas e midiáticas. Parte significativa das ficções cinematográficas e mesmo televisivas tem investido em uma estética de teor documental, e são expressivas as adaptações de relatos literários cuja matéria são situações reais. Os telejornais e programas de variedades não se limitam mais às imagens estáveis e bem

⁵ Artigo 19 da Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH): “Todo ser humano tem direito à liberdade de opinião e expressão; esse direito inclui a liberdade de, sem interferência, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e ideias por quaisquer meios e independente de fronteiras”.

⁶ A definição das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), de acordo com glossário publicado por Wilson (2013) em “Alfabetização midiática e informacional: currículo para formação de professores”, consiste “em todos os meios técnicos utilizados para lidar com informações e facilitar as comunicações, incluindo equipamentos de computadores e redes, bem como os programas necessários. Em outras palavras, as TICs consistem em Tecnologias de Informação juntamente com a telefonia, as mídias de transmissão e todos os tipos de processamento e transmissão de áudio e vídeo. Elas enfatizam o papel das comunicações (linhas de telefone e sinais sem fio) na moderna tecnologia da informação.”

enquadradas, utilizando em muitas coberturas planos-sequências tremidos e imagens de baixa qualidade registradas por microcâmeras, câmeras de vigilância, amadoras e de telefones celulares, buscando imprimir – ainda que de maneira limitada e “domesticada” – um efeito de realidade à assepsia estética que imperava no telejornalismo até o início dos anos 90. (LINS, MESQUITA, 2008, p. 06)

O gênero documentário encontra-se também em constante transformação. Assim, “abordagens alternativas são constantemente tentadas e, em seguida, adotadas por outros cineastas ou abandonadas” (NICHOLS, 2016, p. 48). São produções audiovisuais que não possuem um conjunto fixo de técnicas, caracterizando-se pela flexibilidade de formas e de estilos.

Apesar de um dos formatos mais consagrados do documentarismo ser aquele que se utiliza de uma voz como narradora de um texto que se combina a uma sucessão de imagens, existem outros diversos formatos de documentários. Para Nichols (2016, p.52), existem seis principais modos de fazer cinema documentário: o *modo poético* que “ênfatiza associações visuais, qualidades tonais ou rítmicas, passagens descritivas e organização formal”; o *modo expositivo* que “ênfatiza o comentário verbal e uma lógica argumentativa” e que é mais comumente associado ao documentário em geral; o *modo observativo* que “ênfatiza o engajamento direto no cotidiano das pessoas que o cineasta filma, conforme são observadas por uma câmera discreta”; o *modo participativo* que “ênfatiza a interação do cineasta com aqueles que ele filma” principalmente através de entrevistas, conversas e provocações; o *modo reflexivo* que “chama atenção para as suposições e convenções que regem o cinema documentário”; e o *modo performático* que “ênfatiza o aspecto subjetivo ou expressivo do próprio engajamento do cineasta com um tema” com o objetivo de aumentar a receptividade do público a esse engajamento.

A criatividade aplicada a esse gênero audiovisual o torna ilimitado, o que possibilita que obras completamente diferentes em linguagens e narrativas sejam classificadas na mesma categoria, ou seja, classificadas como documentário. Filmes como “Nós que aqui estamos por vós esperamos”⁷, “Fahrenheit 11 de Setembro”⁸ e

⁷ Dirigido e roteirizado por Marcelo Masagão, “Nós que aqui estamos por vós esperamos” é um documentário brasileiro lançado em 1999 que, em 1 hora e 13 minutos de duração, apresenta imagens reais de arquivos que resumem acontecimentos históricos, econômicos e culturais do século XX. O filme é considerado um documentário ficcional – ou um “filme-memória”, segundo o próprio diretor, porque as

“Muito além do Cidadão Kane”⁹, por exemplo, utilizam-se de recursos, técnicas e propostas distintas na construção da narrativa e, ainda assim, são todos classificados como documentários. Essa liberdade tão característica dos documentários pode ser capaz de captar o interesse e atenção dos jovens em sala de aula.

(...) o documentário testemunha uma perspectiva distinta, às vezes incomum, da qual os cineastas veem aspectos do mundo que compartilhamos. Os documentários organizam-se para nos convencer, persuadir ou predispor a uma determinada visão do mundo que temos em comum. O trabalho do documentário não recorre exclusivamente a nossa sensibilidade estética: ele pode divertir ou agradar, mas o faz como esforço retórico ou persuasivo dirigido ao mundo social existente. O documentário não ativa só nossa percepção estética (ao contrário de um filme estritamente informativo ou instrutivo), ativa também nossa consciência social. Isso significa decepção para aqueles que anseiam pelo prazer de se evadir para os mundos imaginários da ficção, mas é fonte de estímulo para os que desejam ardentemente o engajamento criativo e apaixonado em questões sociais prementes e interesses particulares. (NICHOLS, 2016, p. 118)

O filme documentário pode ainda trabalhar um dos conceitos-chaves da Educomunicação: o protagonismo. Trata-se da capacidade que a educação para a mídia tem de transformar indivíduos em sujeitos midiáticos ativos.

A partir do contato estabelecido com o documentário é possível que os indivíduos tenham maior senso crítico em relação aos produtos audiovisuais que consomem e, ao mesmo tempo, passem a ser capazes de produzir seus próprios conteúdos. Essa dualidade potencial pode ser compreendida através do filme

histórias foram criadas para o documentário, mas, ainda assim, transmitem a autenticidade característica dos documentários.

⁸ “Fahrenheit 9/11” é um documentário estadunidense produzido, dirigido e estrelado por Roger Moore. Lançado em 2004, o filme correlaciona o atentado terrorista às Torres Gêmeas do World Trade Center, em 11 de setembro de 2001, ao contexto político dos Estados Unidos, à época, presidido por George W. Bush. Uma das características mais marcantes de Roger Moore pode ser verificada neste documentário: a presença do diretor em cena.

⁹ “Beyond Citizen Kane”, em seu título original, é um documentário televisivo britânico que foi lançado em 1993, pelo Channel 4, emissora pública do Reino Unido. O diretor Simon Hartog mostra o domínio da Rede Globo sobre a sociedade brasileira, além de analisar a figura de Roberto Marinho e a relação entre mídia e poder político naquele contexto.

“Levante!”¹⁰ que, além de ser um documentário, apresenta a capacidade das tecnologias e dos aplicativos para fazerem as pessoas se “levantarem” contra as injustiças sociais.

“Levante!” e as potencialidades das novas tecnologias para o documentário

A análise do documentário “Levante!”, lançado em 25 de junho de 2015, apresenta-se oportuna porque se trata de uma obra que mostra justamente como as novas tecnologias se traduzem em poderosas ferramentas de expansão da comunicação e, conseqüentemente, se bem aplicadas, de transformação de uma realidade social. “Levante” traz quatro experiências em que as TICs foram utilizadas para mobilizar, registrar e divulgar manifestações populares.

“Levante!” é um documentário brasileiro dirigido por Barney Lankester-Owen e Susanna Lira. Vencedor do concurso anual de documentários promovido pelo Canal Futura, além de ter sido exibido na TV aberta, foi disponibilizado integralmente na internet. O filme tem 50 minutos de duração e reúne imagens e depoimentos registrados em cinco países: Brasil, México, Japão, Gaza e Hong Kong.

A primeira experiência mostrada é a do Brasil, em junho de 2013, quando uma série de protestos que mobilizou milhões de pessoas nas ruas de todo o país, inicialmente, contra os aumentos nas tarifas do transporte público, foi transmitida ao vivo pela internet através da cobertura do coletivo Mídia Ninja¹¹. A ferramenta usada para transmissão ao vivo pela internet – o Twitcasting¹² – foi desenvolvida por japoneses e, por isso, o documentário também traz depoimentos dos criadores da tecnologia a respeito do pico de audiência obtido pelo Mídia Ninja.

¹⁰ “Levante!”, lançado em 2015, é um “filme feito de forma colaborativa com Faixa de Gaza, Hong Kong, México e Brasil” e que “mostra como as novas tecnologias são poderosas ferramentas de expansão da comunicação e transformação social”. Disponível em: <<http://www.futuraplay.org/serie/levante/>>. Acesso em: 07 de novembro de 2018.

¹¹ A Mídia Ninja foi fundada no ano de 2013 e ficou conhecida pelas coberturas que realizou ao vivo de dentro dos protestos realizados pelo Brasil com o objetivo de apresentar uma abordagem diferente da mídia tradicional. Definem-se como “uma rede de comunicação livre que busca novas formas de produção e distribuição de informação a partir das novas tecnologias e de uma lógica colaborativa de trabalho”. Disponível em: <<http://midianinja.org>>. Acesso em: 18 nov. 2018.

¹² Serviço online e gratuito utilizado para transmitir vídeos em tempo real direto do smartphone e com a possibilidade de compartilhar com amigos e seguidores nas redes sociais. A ferramenta está disponível também como aplicativo para dispositivos com iOS e Android. Disponível em: <<https://twitcasting.tv>>. Acesso em: 18 nov. 2018.

Em seguida o documentário apresenta o movimento ocorrido na Cidade do México, em 2012, em que estudantes levaram milhões de pessoas às ruas para protestar contra o governo, a partir da mobilização pelas redes sociais.

O terceiro caso mostrado no documentário ocorreu na Faixa de Gaza, em 2014, quando a jovem Noor Harazeen criou um canal no YouTube chamado “Update From Gaza” para publicar vídeos de reportagens sobre conflitos na região palestina.

Para encerrar o documentário é mostrada a experiência dos estudantes de Hong Kong, também no ano de 2014, que mobilizaram manifestações pró-democracia e foram acompanhados pela equipe de um jornal antigovernamental chamado Apple Daily que utilizou um drone¹³ para registrar imagens do “Umbrella Movement”.

O pioneirismo da Mídia Ninja na cobertura dos protestos no Brasil

O exemplo brasileiro da Mídia Ninja prova que mesmo com um investimento modesto é possível realizar uma cobertura jornalística profissional. A qualidade técnica obtida com equipamentos básicos como um smartphone com conexão 4G pode se aproximar da qualidade profissional percebida no trabalho da mídia tradicional que, por sua vez, demanda elevado investimento.

As imagens registradas pela Mídia Ninja serviram, ainda, de suporte para o próprio documentário “Levante”, em coerência com uma recente linha de produção documental que se sustenta por imagens outrora consideradas amadoras.

(...) o advento das câmeras e dos dispositivos de gravação digitais, dos programas de edição computadorizados e da internet engendraram uma onda de trabalho documentário que promete alterar muitas suposições básicas sobre a forma. Do vídeo gravado no celular no calor do momento extremamente fugaz às paródias de ícones da cultura popular e aos diários em vídeo quase sem interrupção, essas novas tecnologias estão expandindo a percepção do possível de maneiras dramáticas. (NICHOLS, 2016, p. 168)

A Mídia Ninja tornou-se um dos veículos alternativos mais importantes na cobertura dos eventos de 2013. De acordo com dados do Twitcasting, no auge das manifestações o Mídia

¹³ Segundo o Dicionário Michaelis Online, o substantivo masculino drone pode ser definido como “avião não tripulado, controlado à distância por meios eletrônicos e computacionais, geralmente usado para fins militares em patrulhamento de fronteiras, operações de espionagem, bombardeios etc”. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br>>. Acesso em: 18 nov. 2018.

Ninja chegou a ter 300 mil visitas diárias.

Além do repórter equipado com um smartphone e uma mochila com suporte para conexão à internet de alta velocidade, uma pequena equipe trabalhava na sede do coletivo acompanhando os acontecimentos das ruas, produzindo conteúdo e alimentando as redes sociais. Trata-se de uma estrutura simples, mas eficiente na cobertura jornalística e abrangente no alcance de público.

#YoSoy132: a mobilização popular por meio de uma hashtag

A hashtag¹⁴ #YoSoy132 foi utilizada no México, em 2012, por um movimento de estudantes que protestavam contra o governo. Através da convocação pelas redes sociais, esses estudantes levaram milhões de mexicanos às ruas para participarem das manifestações. A hashtag surgiu após a publicação de um vídeo no YouTube, no qual 131 estudantes da Universidade Iberoamericana da Cidade do México destacavam a legitimidade do movimento estudantil. Todos os simpatizantes, então, seriam o 132º estudante que apoiaria o movimento.

O movimento estudantil do México chegou a ser chamado de “Primavera Mexicana”, em alusão aos movimentos sociais de grande escala que impactaram na queda de ditadores do Mundo Árabe, entre 2010 e 2012.

Conforme mostrado no documentário “Levante!”, o movimento #YoSoy132 provou o poder das redes sociais para a mobilização social.

Update From Gaza: canal no YouTube para reportar o conflito

O terceiro exemplo de uso das TICs apresentado no documentário “Levante!” foi o canal “Update From Gaza”, criado no YouTube pela jovem Noor Harazeen, em 2014. Trata-se do primeiro canal palestino, em inglês, transmitido diretamente da Faixa de Gaza. Com o uso de câmeras amadoras e semiprofissionais foram produzidas reportagens que mostravam os efeitos do conflito no cotidiano de quem, então, vivia na Faixa de Gaza. Apesar das limitações técnicas, o canal teve mais de 100 mil acessos

¹⁴ De acordo com o Dicionário Online de Língua Portuguesa, a definição de Hashtag é “recurso de agrupamento que identifica grupos ou conteúdos específicos em alguns sites, através do símbolo ‘#’, antes de uma palavra ou expressão, com o objetivo de facilitar a pesquisa pelo assunto com o qual esse símbolo se relaciona: algumas hashtags espalham boas ideias pelas redes sociais”. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/hashtag/>>. Acesso em: 18 nov. 2018.

apenas nos dois primeiros dias e, em menos de duas semanas, subiu para 500 mil.

Além do canal “Update From Gaza”, o documentário mostra a experiência de outra jovem chamada Farah Baker¹⁵ que usa o Twitter para compartilhar o dia a dia de quem vive em zona de conflito. Através de publicações que mostram a destruição de bombardeios e a rotina de quem está em constante insegurança, a jovem da Faixa de Gaza ganhou seguidores de várias partes do mundo interessados em seu microblog. Uma das postagens mais relevantes de Farah Baker chegou a ter 17 mil compartilhamentos. As mídias sociais, assim, ajudam a juventude da Faixa de Gaza a compartilhar com o mundo fotos, sons e vídeos do que realmente está acontecendo na região em que vivem.

Umbrella Movement: imagens de drone sensibilizam população

O “Umbrella Movement” foi um movimento ocorrido em 2014 pela defesa da democracia em Hong Kong, uma das áreas autônomas da República Popular da China. Os protestos surgiram porque a população não concordava que candidatos ao governo local precisassem ser pré-selecionados por um comitê de nomeação que escolheria três nomes para concorrerem ao cargo. Depois, mesmo com a eleição, o escolhido pela população ainda precisaria ser formalmente nomeado pelo governo central para tomar posse.

As manifestações foram iniciadas pela Federação dos Estudantes de Hong Kong e tiveram repressão policial. O jornal antigovernamental Apple Daily, então, registrou os confrontos com o uso de um drone¹⁶. As manifestações ficaram conhecidas como Primavera Asiática ou Revolução dos Guarda-Chuvas devido aos guarda-chuvas usados pelos manifestantes para se protegerem dos efeitos do gás lacrimogênio lançado pelos policiais. As imagens aéreas sensibilizaram a população que, então, também aderiu ao movimento. Meio milhão de pessoas saíram às ruas para apoiar os estudantes.

¹⁵ Jovem ativista e influenciadora de mídias digitais, nascida em 23 de março de 1998, mantém o perfil @farah_gazan na rede de microblog Twitter desde 2012. Atualmente conta com mais de 180 mil seguidores. Disponível em: <https://twitter.com/farah_gazan>. Acesso em: 18 nov. 2018.

¹⁶ Segundo o Dicionário Michaelis Online, o substantivo masculino drone pode ser definido como “avião não tripulado, controlado à distância por meios eletrônicos e computacionais, geralmente usado para fins militares em patrulhamento de fronteiras, operações de espionagem, bombardeios etc”. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br>>. Acesso em: 18 nov. 2018.

O modo observativo presente em “Levante!”

Em sua obra de introdução ao gênero documentário, Nichols (2016, p.52) destaca, conforme citado anteriormente, os modos de fazer cinema documentário. Dos seis modos então descritos pelo autor, podemos considerar que em “Levante!” predomina o modo observativo.

O modo observativo, que procura mostrar o engajamento direto no cotidiano das pessoas filmadas, é o que mais facilmente pode ser percebido e, ao mesmo tempo, é o que permite a identificação do filme como sendo do gênero documentário pela sua voz. A ideia de voz, aqui, está de acordo com o que foi destacado por Nichols (2016, p. 86) como “ligada à ideia de uma lógica informativa que orienta a organização de um documentário em comparação com a ideia de uma história convincente que organiza a ficção”. Essa ideia de voz no documentário “indica como desenvolvemos a noção de que o filme se dirige a nós como espectadores socialmente situados e fala sobre nosso mundo em comum” (NICHOLS, 2016, p. 87). A narrativa do documentário “Levante!” constitui-se essencialmente de uma câmera que parece conversar com os atores sociais, apesar de existirem também imagens de arquivo e de pesquisa de acervos realizada pelos produtores do filme.

Vale destacar, ainda, a escolha dos diretores pelo não uso de uma voz única como narradora do documentário. Tal opção dá voz aos atores sociais presentes no filme, o que garante um relato fiel e verdadeiro dos fatos. Não há interpretação da chamada “voz de Deus (comentário em voz *over*)” (NICHOLS, 2016, p. 93) tão característica dos filmes documentários institucionais ou normalmente produzidos para TV. Em “Levante!”, as cenas apresentam as pessoas como se estivessem sendo observadas pela tal câmera discreta que interfere o mínimo possível nos acontecimentos apresentados.

Considerações finais

Os documentários podem ser capazes de ampliar a visão dos jovens sobre a realidade em que estão inseridos. Em geral, segundo Nichols (2016, p. 117), os

documentários abordam conceitos e questões sobre os quais existe interesse social ou debate. Ao mesmo tempo, os documentários são uma representação do mundo.

A educação para a mídia trabalhada através dos documentários é viável porque ao assistir a um filme deste gênero, os estudantes podem aprender que todo discurso é resultado da interpretação de alguém sobre uma dada realidade ou um dado assunto. Por isso “a voz do documentário nos torna conscientes de que alguém está falando para nós de seu próprio ponto de vista sobre o mundo que temos em comum” (NICHOLS, 2016, p. 86). Assim, com senso crítico desenvolvido, o jovem passará a assistir e ler conteúdo jornalístico geral de maneira consciente e atenta. E, conforme defendido pela UNESCO, a Alfabetização Midiática e Informacional (AMI) poderá proporcionar aos indivíduos competências para que busquem e usufruam plenamente do direito à liberdade de expressão e de opinião.

Os casos bem-sucedidos de uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs) apresentados no documentário “Levante!”, por exemplo, podem inspirar os estudantes. O apoderamento pleno depende de tal esclarecimento para que possam compreender o potencial das tecnologias e, assim, busquem o desenvolvimento de iniciativas simples, mas que sejam efetivas e estejam associadas ao sentimento de pertencimento e de responsabilidade social.

O acesso aos dispositivos digitais, seja para consumo ou para produção de conteúdo, podem despertar novos protagonistas sociais. Através dessa perspectiva e do desenvolvimento dos conceitos de Educomunicação junto aos jovens – e também aos adultos, mas notadamente aos jovens devido ao interesse imediato deles pelas tecnologias – a internet pode ser um caminho para o indivíduo se ver como um sujeito mais ativo frente aos problemas, aos anseios e às injustiças sociais.

Referências

Assembleia Geral da ONU. Paris: 1948. “**Declaração Universal dos Direitos Humanos**”. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/pt/resources_10133.htm>. Acesso em: 20 set. 2018.

GRIZZLE, Alton. **Alfabetização midiática e informacional**: diretrizes para a formulação de políticas e estratégias. Brasília: UNESCO, Cetic.br, 2016.

LEVANTE! Direção: Susanna Lira e Barney Lankester. Brasil: 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=koJxudNP-xI>>. Acesso em: 20 set. 2018.

LINS, Consuelo. MESQUITA, Cláudia. **Filmar o real:** sobre o documentário brasileiro contemporâneo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

Marco de Avaliação Global da Alfabetização Midiática e Informacional (AMI): disposição e competências do país. – Brasília: UNESCO, Cetic.br, 2016. 138 p.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário.** 6. ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 2016.

OLIVEIRA, André Jorge de. VIGGIANO, Giuliana. Professores YouTubers. In: **Revista Galileu.** São Paulo, v. 316, p. 38-47, nov. 2017.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação:** o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio. São Paulo: Paulinas, 2011.

WILSON, Carolyn. **Alfabetização midiática e informacional: currículo para formação de professores.** Brasília: UNESCO, UFTM, 2013.